

ESCOLHA DA CARREIRA

Vocação como princípio, ou riqueza por opção?

Estudantes que trocaram de cursos que garantiriam status e salários vantajosos relatam o porquê de suas decisões

» JÁDER REZENDE

Aprovado em medicina na Universidade de Brasília (UnB), o estudante Vinícius de Almeida Nery Ferreira, 21 anos, optou por cursar economia na mesma instituição. Ele conta que, inicialmente, foi influenciado pelos pais, médicos, a seguir a mesma carreira.

Sua mãe, Gracy, é nefrologista e o pai, Pedro, cardiologista.

Ele conta que, inicialmente, cedeu ao apelo dos pais e pretendia se especializar em psiquiatria. “Decidi, depois, trocar de curso porque economia tinha mais a ver comigo, era o que mais gostava, juntava algo que sempre me atraiu, matemática e comportamento

Fotos: Arquivo pessoal



humano”, diz, revelando que sua decisão dividiu a opinião da família. “Meu pai ficou um pouco triste com a notícia. Já minha mãe me apoiou, até porque meu irmão mais velho também fez economia.”

Entre os amigos, prossegue Vinícius, a notícia causou um misto de espanto e incredulidade. “Alguns ‘zuaram’ bastante,

dizendo ‘caraca, vai ser pobre’”, lembra. “Procurei até um terapeuta ocupacional, que, por fim, me orientou a fazer o que seria melhor, algo de que eu mais gostasse.” Ele revela que, ao optar, inicialmente, por medicina, pesou em sua decisão ter uma vida mais tranquila financeiramente. “O fato de ficar rico mesmo”, confessa.

Competitividade

Três vezes aprovada em medicina, duas na Universidade de Brasília (UnB) e uma na Universidade Federal do Rio de Janeiro, (UFRJ), Isabella Godoy, 26 anos, chegou a fazer um período do curso em Brasília. Antes, porém, tentou engenharia mecânica por cinco vezes.

“Acabei optando pela medicina pensando que era a minha praia, que iria me identificar com a área. Me atraiu mais a competitividade do curso. Achei que deveria dar uma chance para essa nota competitiva, pensando que deveria ser alguma coisa boa, valiosa.”

Nascida em família humilde, segundo ela, a possibilidade de ter um futuro profissional de sucesso, de ser bem recompensada, foi determinante para se aventurar em ambientes hospitalares. A mãe, Alcimeirie, é técnica de enfermagem e encabeçou a torcida por ter uma médica na família. “Ela sempre sonhou em me ver atrelada a uma carreira promissora. Logicamente, pesou em minha decisão a possibilidade de ficar rica logo, de me dar bem na vida”, revela.

“Contudo, senti na pele que é uma carreira muito difícil, que, de fato, exige vocação. Não dá para ficar nessa porque é só dinheiro. São vidas humanas em jogo. Além disso, o curso é oneroso”, conclui.

Isabella foi mais uma a ouvir dos amigos conselhos para não desistir



Aprovada três vezes em medicina na UnB e uma na UFRJ, Isabella Godoy resolveu cursar economia

da medicina. “Todos diziam que era uma grande loucura”, recorda. Hoje, ela mora em São Paulo e cursa o terceiro ano de economia no Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper).

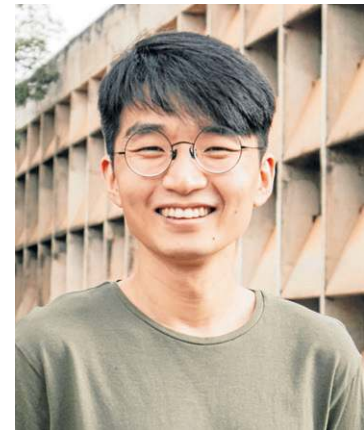
“Estou amando. Me identifiquei muito. A carreira de exatas oferece bastante visão numérica. Hoje, tenho uma visão mais clara de futuro. As vezes, o discurso é muito lindo, mas, na prática, é bastante diferente. Devemos buscar o equilíbrio, algo que realmente nos preencha. Acredito que escolhi uma carreira que oferece possibilidade de um bom futuro profissional. Acabei descobrindo que existem outras formas de ganhar dinheiro”, afirma.

Cara ou coroa

Também aprovado em medicina na UnB, Takashi Yamanishi, 28, chegou a cursar cinco semestres até trocar o curso por biologia. Não obstante, depois de formado, abandonou a ideia de ser biólogo para lecionar japonês. Antes, porém, pensou em fazer letras. “Achava que medicina seria a profissão ideal, mas o curso dura seis anos e queria me formar logo. Decidi, então, na moeda. Deu cara e encarei biologia”, diz.

Takashi não fez nenhum teste vocacional e admite ter perdido precioso tempo com sua indecisão. “A gente acaba se comparando a outros colegas que estão se formando. Porém, mesmo com o tempo perdido, acredito que não haja atraso na vida. Aos 18, 19 anos, as pessoas não sabem direito o que querem. Leva tempo para tentar, decidir”, afirma.

Segundo Takashi, a indecisão afetou mais seus pais, Osvaldo, professor da UnB, e Alice, pedagoga, do que ele próprio. “Foi um grande choque para a minha família, mas ao longo dos anos eles entenderam. Fui conversando, explicando, deixando claro o que



Na dúvida entre medicina ou biologia, Takashi decidiu no cara ou coroa. Terminou optando por lecionar japonês

achava que seria melhor para mim, o que me faria mais feliz, realizado.”

Hoje, com a certeza de que lecionar é, de fato, o seu forte, Takashi diz se sentir realizado profissionalmente. Além das aulas presenciais, ele se ocupa com a plataforma de aulas on-line @123japones. “Segui minha intuição. Hoje, teria abandonado medicina logo na primeira semana, mas tudo é experiência e faz parte da história de cada um.”